

O Pensamento Teológico de Rubem Alves. Contribuições Isalinas

*Rubem Alves' Theological Thought.
Isaline contributions*

Saulo Marcos de Almeida¹

Resumo: O artigo tem o propósito de apresentar algumas reflexões teológico-pastorais para a Comissão Latino Americana de Iglesia e Sociedad – ISAL - Igreja e Sociedade da América Latina - movimento ecumênico nascido em 1962 por inspiração do Concílio Mundial de Igrejas. Contribuir, igualmente, para o conhecimento do pensamento eclesiológico de Rubem Alves, teólogo brasileiro de enorme importância que, neste primeiro período de seu pensamento optou por produzir a partir de seu sacerdócio e vocação – percebe-se no pensador incipiente um comprometido sacerdote/pastor a cuidar da sua Igreja e sua missão. As reflexões apresentadas apoiam-se nos pressupostos teóricos da filosofia da linguagem que, aliada à humanização e pensamento histórico-crítico de Alves, já produzira o que em seguida denominou de Teologia da Libertação. Objetiva o artigo fazer conhecer as reflexões do teólogo no interior deste movimento ecumênico de tanta importância na história da Igreja Protestante na América Latina.

Palavras-chave: Rubem Alves; ISAL; Teologia da Libertação; Movimento Ecumênico

Abstract: The article has the purpose of presenting some theological-pastoral reflections for the Latin American Commission of Iglesia and Sociedad - ISAL - Church and Society of Latin America - ecumenical movement born in 1962 inspired by the World Council of Churches. Contribute, equally, to the knowledge of the ecclesiological thought of

Artigo recebido em: 27 de maio 2021

Aprovado em: 13 de set. 2021

¹ Mestre em Ciências da Religião, bacharel em Teologia e licenciado em Pedagogia. Docente na FASOL e diretor na Escola Presbiteriana de Presidente Prudente, SP

Rubem Alves, a Brazilian theologian of enormous importance who, in this first period of his thought, chose to produce from his priesthood and vocation. The reflections presented are based on the theoretical assumptions of the philosophy of language which, together with Alves' humanization and historical-critical thinking, had already produced what he then called Liberation Theology. The article aims to make known the reflections of the theologian within this ecumenical movement of such importance in the history of the Protestant Church in Latin America

Keywords: Rubem Alves; ISAL; Liberation Theology; Ecumenical Movement

Introdução

Tendo considerado as primeiras reflexões de Rubem Alves marcantes para a sua inserção na galeria dos grandes teólogos latino americanos e, vitais como elementos fundantes da Teologia da Libertação, pretende-se neste trabalho situar e expor as contribuições do teólogo à Junta Latino Americana de Iglesia e Sociedad, movimento ecumênico nascido em 1962 por inspiração do Concílio Mundial de Igrejas e que visava: "Anunciar o Reino numa sociedade abalada por transformações sociais inusitadas e de conseqüências imprevisíveis".²

Assim, a pesquisa aqui apresentada reveste-se basicamente de dois objetivos, quais sejam: auxiliar na compreensão daqueles que se interessam pelas reflexões do teólogo citado; contribuir com a sempre premente fomentação do atual debate teológico tomando como base as contribuições eclesiológicas feitas por ele junto à ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina).

Não se pode negar o enorme auxílio de Alves na elaboração de uma teologia marcadamente latino-americana caracterizada, sobretudo, pela ruptura feita das chamadas reflexões periféricas em relação às culturas filosóficas e teológicas de centro (europeias e americanas). Ao ser um dos primeiros a sistematizar a teologia da libertação, o teólogo abriu as portas para a produção de um discurso sobre Deus mediado pelas ciências sociais, não mais a partir de uma compreensão metafísica, mas usando como referencial uma opção mais profética e política da fé.

Sugere, então, a compreensão de uma práxis que se origine ante o fracasso do chamado desenvolvimentismo tomado até então como totalidade, razão última. Como o mundo para o teólogo é cultura e não um espaço de fatos economicamente brutos, esta práxis requer antes de tudo dedicação teológica para com o conhecimento da linguagem imanente do oprimido, pois somente a

² FILHO, Por uma eclesiologia militante: ISAL, 1988

partir desta leitura saber-se-ia negar a presente realidade e propor formas de esperança aos excluídos do atual sistema. Rubem Alves é o teólogo protestante no Brasil que mais seguiu um rumo próprio no fazer teológico levando-se em consideração esta nova leitura de Deus e do mundo à luz da triste realidade da América Latina.

Como se sabe, ISAL (Igreja e sociedade da América Latina - Comissão Latina Americana), por intermédio de seus encontros e revistas tomou-se um movimento ecumênico-cristão que possibilitou a abertura de um espaço para que teólogos-pastores, como Alves, pudessem por meio de um diálogo inter-religioso pensar mais livremente o tema igreja e a sua missão no mundo.

Vale dizer ainda que este período de reflexões teológicas de Alves coincidiu com o tempo de exílio nos EUA e seu afastamento da Igreja Presbiteriana do Brasil, da qual se tomara pastor. Sabe-se também que as contribuições eclesiológicas alvesianas junto à ISAL deveram-se à forte influência de Richard Shaull quando das suas proposições, no contexto da teologia da revolução, acerca da igreja da diáspora, condição necessária para a procura de caminhos da libertação.

Assim, num contexto sócio conflitivo, Rubem Alves pensa a problemática igreja e mundo a partir de seus pressupostos sobre a humanização, o que leva a dizer que as reflexões à ISAL nada mais são do que extensão do primeiro momento teológico de Rubem, com uma ressalva: os textos nos apresentam um rebelde pastor comprometido com a vocação missionária da igreja.

Em antiga entrevista com o teólogo e mapeamento de artigos na revista oficial da ISAL (*Cristianismo y Sociedad*) toma-se consciência de não vasta produção teológica de Alves junto àquele organismo, porém, não menos relevante se se levar em consideração a realidade de vida do teólogo e o conteúdo existente no material pesquisado.

Unamuno fez questão de dizer que o homem se constitui dele próprio e de suas circunstâncias. Sabe-se sobejamente que o ambiente influi na visão de nossa realidade, por isso posicionar o *locus* do discurso teológico de Rubem Alves torna-se tão indispensável quanto de extrema importância. Seu ambiente é o Brasil, mas os seus interlocutores, espalhados em toda a América Latina viviam a mesma busca.

Antes de quaisquer considerações teológicas de Rubem Alves sobre a linguagem da igreja situemo-nos, então, ainda que de forma breve no universo sócio histórico vivido pelo teólogo quando das suas reflexões isalinas.

1. Contexto histórico da igreja

Num de seus artigos para a revista *Cristianismo e Sociedad*, intitulado *Injusticia e Rebelion*, Rubem Alves sugere erro na leitura sociológica que apontava o Brasil como país subdesenvolvido em função de sua inadequação tecnológica. Contrariado, vê neste subdesenvolvimento, razões de fundo ético e não técnico por parte dos que estruturavam a injustiça a partir da concentração econômica.

Es por esta misma razón que el problema dei subdesarrollo no puede solucionar-se en nuestra situación en el reino de la tecnologia, sino únicamente en el de la revolución; y por revolución quiero decir el desmoronamiento de aquellas estructuras que se nutrem de los cadáveres y víctimas dei subdesarrollo.³

Conforme Alves, a triste realidade social do Brasil encontrava na subjetividade do povo em sua maioria concentrada no campo, enorme conformismo não sendo possíveis assim, quaisquer possibilidades de mudanças.

Esta subserviência vinha, antes de tudo, da religiosidade popular. [...] somos pobres porque ésta es la voluntad de Dios.⁴

A partir desta consciência, os senhores passavam a ser objeto de admiração dos que trabalhavam no campo, não sabendo estes que o poder econômico dos grandes fazendeiros lhes vedava qualquer acesso e participação na estruturação política do país.

Aun después que se inició el proceso democrático dei voto, la situación no fue alterada. El alto respeto que los señores gozaban entre los campesinos les permitió controlar fácilmente la elección de los votantes. (ALVES, *Cristianismo y Sociedad*, 1964).

Neste contexto foi inevitável a opção pela monocultura nos grandes latifúndios. Esta produção, diz o teólogo, direcionou-se para os mercados externos com enorme concentração de capital favorecendo tão somente os fazendeiros e extirpando de uma vez por todas a agricultura de subsistência. O monopólio da terra inviabilizava a reforma agrária e agravava mais a situação do pequeno agricultor e lavradores que, aos poucos, viam as suas terras mudando de mãos e transformando-se em enormes plantações de cana de açúcar. Desta realidade surgiu, então, a transferência do homem do campo para as cidades dando início ao êxodo rural.

³ ALVES, *Cristianismo y Sociedad*, 1964

⁴ ALVES, *Cristianismo y Sociedad*, 1964

Com a urbanização e o advento da indústria percebe-se a emergência de um novo homem que, motivado pela própria linguagem tecnológica de progresso e evolução, descobre-se como participante de uma nova era de oportunidades que julgava, deveria incluir a todos. A realidade social, porém, demonstrava uma situação totalmente diversa e adversa.

Da transição do campo para a cidade, Alves aponta o surgimento de uma nova realidade que força o homem a extrair de seu próprio contexto social de desigualdade, elementos de uma nova consciência que lhes dava conta da necessidade de derrocada da ideologia de exploração da antiga estrutura.

Surge assim a consciência de classe dos trabalhadores a indicar que eles não estavam sozinhos descortinando lhes também a existência de uma sociedade dividida e estratificada: de um lado a pequena elite com poder político e econômico e, de outro, a grande maioria vivendo em condições miseráveis. Contudo, esta nova consciência não foi suficiente para exterminar o velho esquema de dominação.

Si en la antigua estructura el señor de la tierra poseía el poder político a causa de su directa influencia sobre los trabajadores rurales, las nuevas estructuras de poder económico consiguen lo mismo por medio del control de los medios de propaganda.⁵

Rubem Alves admite não ter qualquer ilusão com a indústria tecnológica, pois, esta denominada pelo capital estrangeiro, estabelece uma nova e poderosa rede de poder econômico e, quem tem este poder há de usá-lo sempre em prol de seus próprios benefícios. Assim, toda a política refletirá a economia em quaisquer situações do país. Neste sentido, é óbvio que o esquema de dominação permanece, mas agora sob os olhares atentos de uma nova consciência que visa a sua libertação. [...] Esta consciência de injustiça, este anelo por una vida mejor cuyo cumplimiento se ve impedido por las estructuras políticas, ocasiona un estado de inquietud social.⁶

A linguagem da consciência de injustiça pode ser vista na negação da realidade vigente e na frustração com respeito ao futuro dando ao homem trabalhador a impressão de que todas as saídas estavam bloqueadas.

⁵ .ALVES, *Cristianismo y Sociedad*, 1964

⁶ ALVES, *Cristianismo y Sociedad*, 1964

É deste contexto de extremo conflito social que podemos dar início à compreensão de Rubem Alves à problemática identidade e missão da igreja.

2. A morte da igreja

Diante desta triste realidade social e, envolvido por uma reflexão que dava como certa a morte do velho Deus e do triunfo consequente da secularização, Alves vê como oportuno o anúncio de uma nova estrutura social, mas também o início de uma nova igreja que possibilite a humanização deste homem moderno.

Para o teólogo, então, toda a compreensão eclesiológica que se queira obter no mundo contemporâneo deve, antes de tudo, passar necessariamente pela admissão da morte da igreja.

Se na morte de Deus celebrava-se a liberdade do homem frente ao futuro, na morte da igreja afirma-se a presença da morte fazendo-se necessárias novas previsões que apontem o fim e o início de uma nova igreja como aperitivo de um novo humanismo/humanização.

Quais foram os diagnósticos feitos pelo teólogo que davam como certa a falência desta igreja histórica?

Primeiramente, Alves indica a ausência de sentido da sua linguagem frente aos problemas reais da vida humana, ou seja, sua experiência histórica expressa em seu discurso, não está mais presente no mundo de hoje. Não tem mais qualquer relação com a vida moderna perdendo toda sua contemporaneidade, para Alves: uma forma de morte. ... ya que es incapaz de navegar en las olas de la historia. Se transforma en a-histórica e deshistorizante.⁷

Em segundo lugar, no artigo *Notas sobre os caminhos da Igreja*, reagindo a um texto de Yves Congar sobre o surgimento de novas formas de sociedade religiosa, Alves aponta para o fato de que o universo de discurso da igreja revela uma crise interna entre a instituição e suas bases sociais, o que provocou ruptura entre ambas as linguagens e consequente perda de autoridade da organização. Desta forma, ele declara: ... a instituição perdeu o monopólio do falar correto sobre a igreja.⁸

Sugere que a autoridade perdida das instituições fora achada entre aquelas situações em que a experiência de fé assume novas formas sociais, sendo assim: faz-se necessária a criação de uma nova comunidade, caracterizada, por conseguinte, de um novo discurso.

Para o teólogo, a igreja como confissão religiosa, chegara ao fim. Soluções como mudança na linguagem da transcendência ou a

⁷ ALVES, *Cristianismo y Sociedad*, 1968

⁸ ALVES, *Instituição e Comunidade*, 1975

construção de novas estruturas com o intuito de reformar a entidade, além de tomarem a igreja como limite e objeto de pensamento, impedem seu novo início...Hay situaciones críticas que requieren una formulación completamente nueva de ejemplos que orientarán a la experiencia humana.⁹

Conforme Alves, os dois maiores ramos do cristianismo trataram de renovar as entidades das quais pertenciam supondo achá-las em seus pressupostos tomados de forma a priori para, a seguir, reorientá-las em suas atividades: para os católicos ela se encontra na unidade institucional que tem o Papa por cabeça. Para os protestantes, ela se encontra onde quer que a reta confissão de fé seja feita (ALVES, Cadernos do ISER, 1975)

Esta atitude pressupõe a reforma e não a busca de urna igreja que Deus, em sua liberdade, quer criar no mundo através do seu Espírito.

Esta opción, de todas maneras, requiere el abandono de las formas tradicionales de definir "a priori" las señales de la iglesia en términos confesionales. Si no hacemos esto nunca llegaremos a términos de transcendência y humanización.¹⁰

A eclesiologia, segundo Alves, não pode ser resultado de definições a priori, nem tão pouco a igreja deve ser vista como acabada em função de seus conceitos delimitadores.

Diante disto, enceta o teólogo a necessidade de urna nova eclesiologia que negue o atual modelo vigente e que passe, necessariamente, pela aceitação irremediável da morte do protestantismo histórico pela preservação de seu espírito.

Neste sentido diz Rubem Alves: a morte passa a ser vista como um ato de graça, não só para os indivíduos como para as organizações. A morte significa anúncio de uma vida eclesial revitalizada pela participação de Deus na história.

3. A igreja viva

Dos enunciados acima podemos inferir a historicidade da igreja que celebra o seu caráter secular tomando como referencial a qualidade messiânica da ação divina e, projetando-se para o futuro, reafirma o seu compromisso com a linguagem escatológica. Assim, escatologia e transcendência estão relacionadas entre si.

[...] no tenemos en mente una escatologia que es el fin del tiempo, tanto como finis o telos. La escatologia - ésta es nuestra sugerencia - es la presión dei futuro sobre el presente en tal manera

⁹ ALVES, Cristianismo y Sociedad, 1968

¹⁰ ALVES, Cristianismo y Sociedad, 1968

que el hombre se libera del pasado y es capaz de crear una nueva tierra haciendo su libertad formada en el futuro para penetrar el reino de la naturaleza.¹¹

Deste modo, conforme a interpretação da tradição bíblica, não existe qualquer possibilidade de separação entre transcendência e realidade objetiva presente na hermenêutica filosófica e teológica ocidental.

Para o teólogo, a esperança escatológica do antigo testamento estava sempre relacionada com a construção de uma nova terra. Assim, a linguagem do antigo testamento assume uma característica marcadamente materialista sem qualquer expectativa quanto à morte, pois obstinadamente sua opção é a vida.

O reino messiânico transforma-se no paradigma do futuro que produz o compromisso/missão e reafirma a vocação do homem para e com a história. O futuro é o lugar e destino desta comunidade viva.

4. A natureza e missão da igreja

Como vimos Rubem Alves não crê que a igreja obtenha a sua identidade e função a partir de uma compreensão cognitiva que se tenha previamente acerca de sua essência. Pensar e agir desta maneira implica em limitar Deus em uma estrutura dada ou reduzi-lo a uma confissão de fé objetivamente elaborada.

A igreja, segundo Alves, recebe o seu ser da atividade do Deus que age no aqui e no agora. Assim, a compreensão eclesiológica requer, antes de tudo, urna compreensão do homem no mundo.

De comum acordo com os reformadores crê que a Igreja nasce e é reconhecida apenas e tão somente na ação de Deus na história humana. Não podendo ser retida de outra forma, a não ser pelos sinais que trazem a manifestação da liberdade de Deus.

Si es la libertad de Dios la que forma la iglesia, y si la iglesia debe ser vista donde la libertad de Dios toma forma, entonces hemos sido liberados de la obsesión de reformar la iglesia definida "a priori", a la vez que liberados para buscar la realidad de la iglesia tal como emerge en el mundo.¹²

Se tomarmos como certa a citação acima, convém dizer que o teólogo é chamado então, para descrever as formas desta comunidade que são criadas pela ação de Deus no mundo.

Rubem Alves ainda aponta o fato de que a linguagem teológica dificultou o reconhecimento destes sinais na história como sendo de

¹¹ ALVES, Cristianismo y Sociedad, 1968

¹² ALVES, Cristianismo y Sociedad, 1968

Deus, em função da interpretação dada à revelação. Criou-se a idéia de que Deus manifestou-se apenas nos tempos bíblicos reservando-se em suas ações em nossos tempos. Quanto a isto, Rubem Alves tem a dizer que:

El Dios que se dio a conocer a sí mismo dentro de los límites definidos de Israel, es el mismo Dios que se revela en un momento preciso como el Señor de todos los momentos", sendo assim: "...todos los momentos de la historia están preñados de eternidad.¹³

Contraria também quaisquer alusões eclesiológicas que não levem em conta a redenção de Deus sobre toda a criação. Negar a unidade que existe entre o Deus criador e o Deus redentor, implica em reduzir a sua obra de salvação a apenas alguns poucos indivíduos e não à totalidade de sua criação. Vale lembrar, diz Alves, que a plena realização do homem não é individual, mas social.

Qualquer pergunta sobre a responsabilidade da comunidade de fé deve encontrar resposta antes de tudo, na iniciativa de Deus em penetrar a história e invadi-la.

La norma de vida de la comunidad cristiana corresponde a los actos redentores de Dios a través de Jesucristo. Lo que ella hace o debe hacer se deriva de lo que Dios está haciendo y desça hacer.¹⁴

Num processo idêntico ao existente na comunidade bíblica, os cristãos definem Deus novamente pelo reconhecimento de seus atos na história e, no encontro da liberdade de Deus com a subjetividade humana, a igreja reafirma a sua tarefa em direção da humanização e libertação humanas. Assim Alves se expressa:

Dios confronta al hombre incógnito, escondido en la historia. La respuesta del hombre a esta confrontación no es la confesión sino la obediencia. Y en nuestro caso específico la obediencia toma la forma de servicio al ombre, ya que és te es La máscara de Dios.¹⁵

A partir disto, a igreja se lança no mundo com o fim de envolver-se nas situações concretas da vida humana. Sua resposta de obediência ao chamado da transcendência a coloca a serviço do ser humano. Seu intuito é a plena realização do homem, pois suas marcas carregam o selo do futuro indicando ser perfeitamente possível direcionar a esperança e força humana na construção de uma nova terra.

Os sinais da igreja constituem-se no ponto de partida da atividade missionária, expressando-se como vontade de Deus em todas as expressões de vida da sociedade, daí que estas marcas são de natureza ética e não espiritualista.

¹³ ALVES, Cristianismo y Sociedad, 1968

¹⁴ ALVES, Cristianismo y Sociedad, 1964

¹⁵ ALVES, Cristianismo y Sociedad, 1968

Há llegado la hora de dejar de pensar que la función de la iglesia es simplemente ofrecer tranquilidad espiritual - como se fuese un calmante de los que se venden en farmácias -, u ocuparse sólo de la salvación del alma.¹⁶

5. Igreja: sacramento divino

Se nos paradigmas, católico e protestante, compreendiam-se a igreja a partir de suas afirmações, Rubem Alves sugere como ponto de partida para esta busca, uma pergunta: Onde está a igreja?¹⁷ Quais são as suas marcas a demonstrar os atos de Deus na atual história humana? Como identificar as suas linguagens/sinais reveladores de Deus?

Como já se disse aqui, primeiramente estes sinais devem ser éticos, pois tem a ver com a qualidade de vida que a comunidade produz. Por outro lado, devem se constituir também de uma efetiva luta na construção de uma terra mais amigável e harmoniosa, a exemplo da comunidade bíblica de Israel.

Nosso teólogo elenca algumas destas marcas que valem ser expostas para melhor entendimento de suas contribuições à ISAL.

5.1 comunidade de amor e gozo

A primeira marca da igreja, aponta Rubem Alves, leva em consideração a congruência sugerida no primeiro momento do trabalho, que deve existir efetivamente entre amor e eros na missão da igreja. O que se requer da linguagem desta comunidade, antes de tudo, é a primazia que deve ser dada aos relacionamentos humanos em detrimento do discurso sobre o universo institucional e doutrinário.

Esta premissa básica encontra nos escritos de Rubem Alves à revista *Cristianismo y Sociedad* atenção dobrada, uma vez que a participação dinâmica de Deus na história visa a plena realização do homem como ser que se relaciona e dialoga em amor com o próximo e com o universo criado.

Buscam-se, então, na motivação do amor, ações eficazes que conduzam ao bem desfrutar da vida e suas dádivas fazendo da terra um lugar mais harmonioso. [...] Dios tiene un plan de amor para la totalidad de su creación, un plan que implica una nueva vida para el hombre y una nueva armonía de toda su creación.¹⁸

¹⁶ ALVES, *Cristianismo y Sociedad*, 1964

¹⁷ ALVES, *Cristianismo y Sociedad*, 1975

¹⁸ ALVES, *Cristianismo y Sociedad*, 1964

5.2 comunidade da liberdade

A igreja deve afirmar seu compromisso com o futuro e sua provável realização, não na perpetuação do estabelecido. Isto faz dela uma comunidade livre da lei e de princípios moralistas que não tangenciam a vida humana.

Esta comunidade deve dar um crédito ao homem abrindo-lhe espaço e tempo para a sua expressão.

Rubem Alves reconhece que a linguagem desta igreja pressupõe uma proposta utópica, em função da sua não realização plena. Propõe então, a dialética entre esta visão e a positivista. A primeira resolve alçar um voo de fé crendo que a esperança do futuro produz a movimentação humana no presente. A segunda, prefere na estagnação que lhe é peculiar, pensar passado e futuro como efeitos do presente.

5.3 comunidade de sofrimento messiânico

Se a igreja e sua linguagem encontram nas ações de Deus na história, subsídios suficientes para a elaboração de sua atividade missionária entre os homens, deve por sua participação nas situações-limites do presente, reconhecer-se como sofredora, pois também está sujeita aos mesmos sofrimentos por quais passou o servo sofredor.

Vale dizer que a conotação dada ao sofrimento, nesta perspectiva de Rubem Alves, não é vista como bênção na linguagem do protestantismo da reta doutrina, mas como uma das dimensões da vida. [...] Su alegría, entonces, nace en medio dei más objetivo y concreto realismo. Come su pan com hierbas amargas.¹⁹

5.4. Comunidade destinada ao mundo

Em Cristo estabelece-se o mundo como vocação divina, sendo assim, todas as ações da igreja devem ser vistas como sinais da presença do reino no mundo.

Sugere o teólogo que a comunidade de fé deve procurar no mundo lugares e situações onde a desumanização da vida humana é maior, oferecendo assim, solidariedade e alternativas construtivas de uma nova vida.

¹⁹ ALVES, Cristianismo y Sociedad, 1968

Isto requer uma nova versão do evangelismo, ensinado até então pela linguagem teológica tradicional, que implica tantas vezes em proselitismo e competência em relação a outros grupos religiosos, qual seja:

Evangelizar, como el nombre lo está diciendo, es anunciar la realidad del poder de Dios, presente y operante transformando el desorden histórico segun sus propósitos de amor. Siendo así, comprendemos que evangelización implica una relación de la iglesia com la sociedad, a través de la que los propósitos de Dios se vuelven discernibles, y en la que los actos redentores de Dios encuentran expresión em los actos de la comunidad en medio de la sociedade.²⁰

Considerações finais

Procuramos demonstrar no decorrer deste capítulo que, em momento algum, Alves desacreditou da existência de um povo marcadamente selado pela transcendência.

Sua recusa direcionava-se tão somente às linguagens tornadas absolutas nas tradições, católica e protestante que, no endurecimento de suas convicções tomadas a priori acerca da igreja perdiam a possibilidade de encontrarem sinais efetivos de Deus na história humana, envolvendo-se secundariamente no que consiste o cerne da missão da comunidade de fé, que segundo Alves, trata-se de testemunhar os atos de Deus.

Nosso teólogo ainda aponta para o fato de que, diante dos sucessivos erros dos critérios institucionais quanto à definição da comunidade, torna-se propício o aparecimento do ecumenismo e seus fundamentos, entre aqueles que, talvez exilados das instituições religiosas, ainda se encontram ligados pelo universo simbólico que os compõe e se acham comprometidos na busca de uma igreja em que as organizações e doutrinas religiosas não permitiram saber.

Referências

ALVES, Rubem. *O Deus do furacão*. In: *VVAA, De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. de Pós-Grad. em C. da Religião, 1985.

_____. *La Muerte de la iglesia y el futuro del ombre*. Cristianismo y Sociedad. Montevideo. Ano VI, N. 16y17, 1968

_____. *Da Esperança*. Campinas: Papirus, 1987.

²⁰ ALVES, Cristianismo y Sociedad, 1964

_____. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

_____. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

_____. *O Enigma da religião*. Campinas: Papyrus, 1984.

_____. *Deus Morreu - Viva Deus!* In: *Liberdade e fé*. Rio de Janeiro: Tempo e presença, 1972.

_____. *Instituição e Comunidade. Notas sobre os caminhos da igreja*. Cadernos do ISER, Tempo e Presença Ltda, 1975.

_____. *A ideologia do protestantismo*. Cadernos do ISER, Tempo e Presença, 1975.

_____. *El ministerio social de la iglesia local*. Cristianismo y Sociedad, Montevideo, 1964.

_____. *Apuntes para um program de reconstrucion em la teologia*. Cristianismo y Sociedade. Montevideo, 1969.

_____. *Injusticia y Rebelión*. Cristianismo y Sociedade. Montevideo, 1968.

_____. *Libertad y ortodoxia: opuestos irreconciliables?* Cristianismo y Sociedade. Tierra Nueva, México, 1983.

_____. *A relação do CEDI com as estruturas eclesiásticas e sua influência*. S. Ed. Rio de Janeiro, 1982.

ALVES, Rubem e BASTIAN, Jéan Pierre. *Polêmica entre Rubem Alves e Jéan Pierre Bastian*, Diretor de Cristianismo y Sociedade. Tierra Nueva, México, 1983.

FILHO, José Bittencourt. *Por uma eclesiologia militante*: ISAL. Umesp, 1988.